

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal do Brasil Class.: Sucesso 94
 Data: 17/07/94 Pg.: 29



A maioria dos índios candidatos concorre pelo PT e espera contar com o apoio de suas tribos para chegar à Câmara ou às assembleias legislativas

Índios trocam apito por candidatura

■ Demarcações e propostas de esquerda são plataformas comuns na corrida pelo voto

RONALDO BRASILIENSE

Foi-se o tempo em que índio queria apito. As urnas, em 3 de outubro, poderão levar à Câmara dos Deputados pelo menos três, que, apesar do longo convívio com brancos, falam português com caçoetes de tupi-guarani. A prevista invasão indígena também deverá chegar às assembleias legislativas do Amazonas, de Roraima, do Amapá e de Mato Grosso do Sul, onde cinco índios são candidatos.

Mas há uma característica comum: todos são esquerdistas e têm como principal plataforma garantir a demarcação de 520 áreas indígenas, algo em torno de 900 mil quilômetros quadrados, 10% do território nacional.

Voltam às urnas índios conhecidos nacionalmente como o cacique Mário Juruna, eleito deputado federal pelo PDT do Rio em 82. Juruna desta vez concorre pelo PDT do Distrito Federal, onde fixou residência depois que não conseguiu

se reeleger em 86. Marcos Terena, suplente nas eleições de 90, volta a se candidatar à Câmara pelo PT do Distrito Federal, com o apoio de ONGs e de servidores da Funai.

Mas há caras novas na disputa. A mais radical vem de Benjamin Constant, no Alto Solimões, Amazonas. Chama-se Pedro Mendes Ticuna, ativo militante do PC do B e fã do *jurássico* João Amazonas. Pretende chegar ao Congresso pelo voto dos 20 mil ticunas da região — uma das tribos mais numerosas do país —, lutando no Parlamento para que o fazendeiro José Castelo Branco, responsável pelo massacre de 14 índios, em emboscada em 1988, vá finalmente a julgamento.

Participação — Do Alto Rio Negro, residente em São Gabriel da Cachoeira, Gersen Baniva, do PT, decidiu se candidatar a deputado estadual. “Queremos participar da vida política”, afirma. Diretor da Federação das Organizações Indígenas do Alto Rio Negro, Gersen espera contar com 70% dos votos

dos 40 mil índios que vivem nas regiões do Alto e Médio Rio Negro. Na área vivem índios banivas, curipacos e tucanos.

Gersen Baniva conta com um trunfo extra: tem o apoio dos padres salesianos do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Na eleição presidencial de 1989, Lula ganhou de Collor nos dois turnos em Paricachoeira, Iauaretê, Içana, Querari, São Joaquim e Taracua. Em Taracua, Lula obteve um feito digno de registro: ganhou por 72 votos a zero.

Engajamento — Palco de conflitos entre ianomâmis e garimpeiros, Roraima também terá candidatos concorrendo à Assembleia Legislativa. Euclides Pereira Macuxi, membro do Conselho Indigenista estadual, filiado ao PT, elegeu como bandeira a demarcação da área Raposa Serra do Sol. “Escolhi o PT por ser um partido engajado na causa indígena em Roraima”, alega Macuxi. Mais de 20% dos eleitores de Roraima são descen-

dentes de índios.

No Amapá, concorre à Assembleia Legislativa o índio Cristiano Caripuna, filiado ao PSB. Residente no Oiapoque, Cristiano disputou as eleições de 1990 pelo extinto PDC. “A maioria dos partidos não tem ideologia. São siglas em que os participantes agem diferentes de outro”, ensina. Cristiano garante que não é candidato apenas do povo indígena. “Venho abraçar a luta de toda a sociedade amapaense”, afirma, como um experiente político profissional.

Também a tribo caiová, do Mato Grosso do Sul, terá um representante nas eleições de outubro. Hamilton Caiová concorre a uma vaga de deputado estadual pelo PT. Sua meta: lutar pela demarcação das terras dos guarani-caiová do Mato Grosso, invadidas por fazendeiros, e conseguir apoio para evitar que os suicídios entre os caióvas continuem. Somente nos últimos cinco anos, mais de 30 índios se suicidaram.

DA TABA PARA O PARLAMENTO

Mário Juruna (PDT-DF) — Ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro, ex-assessor da Funai, o único parlamentar indígena da história do país será novamente candidato à Câmara dos Deputados.

Marcos Terena (PT-DF) — Índio pantaneiro, é piloto de avião. Foi escolhido por organizações indígenas do mundo inteiro como orador oficial junto à ONU na Rio-92. Concorre à Câmara dos Deputados.

Clóvis Ambrósio Vapixana (PT-RR) — Lidera o movimento pela demarcação da área Raposa/Serra do Sol, em Roraima, onde habitam mais de 10 mil índios macuxis e vapixanas. Concorre à Câmara dos Deputados.

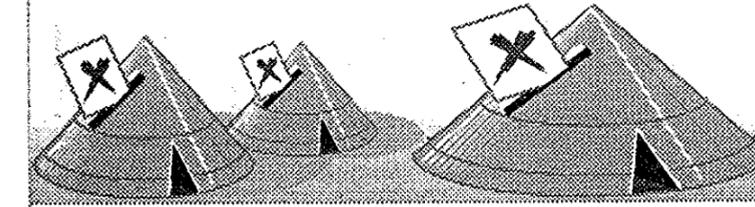
Gersen Baniva (PT-AM) — É vice-presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro. Concorre à uma vaga na Assembleia Legislativa do Amazonas.

Pedro Ticuna (PC do B-AM) — Líder indígena em Benjamin Constant, no Alto Solimões, atua no movimento sindical e concorre à Assembleia Legislativa do Amazonas.

Enildo André Wapixana (PT-RR) — Representa uma das etnias mais ameaçadas de Roraima. Tem apoio de religiosos do Cimi. Candidato à Assembleia Legislativa de Roraima.

Cristiano Caripuna (PSB-AP) — Coordenador do Conselho Indigenista do Amapá, dirigiu o Núcleo de Educação Indígena da Secretaria de Educação. Disputa uma vaga na Assembleia Legislativa amapaense.

Hamilton Caiová (PT-MS) — Líder do grupo indígena conhecido nacionalmente pelo alto índice de suicídios na tribo. Concorre à Assembleia Legislativa do Mato Grosso do Sul.



Um cacique polêmico

Primeiro e único parlamentar indígena da história do Brasil, o cacique Mário Juruna notabilizou-se não apenas por andar sempre na companhia de um gravador como também por ter chamado o presidente João Figueiredo e todos os seus ministros de “ladrões”.

Eleito pelo PDT do Rio na esteira do trator Leonel Brizola em 1982, Juruna — como a causa indígena no Brasil —, não foi levado a sério. No dia 26 de setembro de 1983, em discurso denunciando a violência cometida contra os índios pataxó há-há-hã, do Sul da Bahia, Juruna provocou a ira dos ministros do governo Figueiredo. De todos, apenas o ministro da Educação e Cultura não pediu à Câmara

dos Deputados sua cassação.

A mais importante vitória de Juruna no Parlamento foi ter conseguido aprovar projeto alterando a composição da diretoria da Funai, o que garantiu a formação de um conselho diretor, integrado por representantes das comunidades e de conselhos indígenas regionais, para fiscalizar a atuação da Funai em suas áreas.

O mais polêmico cacique da história do Congresso ainda conseguiu ser eleito presidente da Comissão do Índio da Câmara, mas naufragou na tentativa de se reeleger. Hoje, Juruna mora em uma cidade-satélite de Brasília e tenta voltar ao Parlamento, desta vez pelo PDT do Distrito Federal. (R.B.)



Juruna quase foi cassado em 1983 por chamar ministros de “ladrões”